

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA  
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

107)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MAIO 18, 1839)



TRAJOS BIRMANS.

● **BIRMAN** é um vasto imperio, florescente desde 1783, situado na península oriental da India, e limitrofe com as possessões britannicas da Asia, que por vezes tem guerreado. Os povos deste imperio, em todos os objectos do seu vestuario, quer uteis, quer de enfeite, indicam a jerarchia da pessoa que os traz. Os homens segundo a sua condição, assim usam fórmãs diversas e determinadas na caixa do betele [\*], que traz sempre um criado que os acompanha: os brincos das orelhas, os barretes, os arreios dos cavallos, tudo tem sua configuração fixa e característica. O metal do vaso mais abjecto, e o da taça por onde bebem, igualmente variam conforme as condições; quando é ouro denota personagem da primeira ordem. Quem se abalança a usurpar attributos da jerarchia, que lhe não compete, é severamente punido.

O *tsaloé*, especie de collar, é a insignia dos nobres; e ha muitos gráus de fidalguia, que se distinguem pelo numero de cordões, ou fios, que compoem o *tsaloé*; estes fios prendem pelas duas pontas a uma chapa: tres simples e soltos competem á nobreza inferior, e sendo de latão entrancados elegantemente

já mostram gradação mais alta; assim proporcionalmente até doze, numero que ninguem excede, excepto o imperador que traz o dobro.

O vestido de gala dos birmans é magestoso e não destituído de graça: consta d'uma tunica de veludo ou setim lavrado, que chega aos tornozellos, com gola aberta e mangas largas; e por cima da tunica uma capa leve e fluctuante, como a dos nossos clerigos. Cobrem-se com barretes de veludo liso, ou bordado de seda, com ramos d'ouro, segundo as jerarchias. Os brincos das orelhas são adorno essencial dos homens; os nobres trazem uns canudinhos d'ouro, da grossura d'uma penna de escrever, que alargam para uma das pontas como uma bozina; outros mettem nos furos pedaços d'ouro, primeiro batidos em chapa, e enrolados depois: este peso de metal faz um grande buraco na extremidade das orelhas, e as estendem ás vezes mais de duas pollegadas.

As mulheres tambem usam d'enfeites distinctivos: atam os cabellos no alto da cabeça, e a cingem com um diadema significador da sua condição pelos bordados e guarnições. Por cima d'uma camisola, que não passa dos quadris, e franzida na cintura, vestem um roupão largo com mangas estreitas; além disto prendem á cinta um pedaço d'estofo d'algodão ou seda,

(\*) O betele é uma planta, cujas folhas varios povos asiaticos mascam continuamente.

embrulhado em duas voltas ao redor do corpo, e que arrastra pelo chão. Quando as senhoras saem de visita levam uma especie de chale comprido, cruzado sobre o peito, e cujas pontas, soltas ao vento, fluctuam para traz.

As mulheres do vulgo trazem communmente um vestido do feitio de uma grande camisa mui larga, que lhes embrulha o corpo todo, traçando-a por debaixo dos braços. Os homens da mesma classe andam de ordinario nus até á cinta; e por isso, em tempo frio, teem em muita estima os capotes e vestias da Europa.

Quando as senhoras birmans se enfeitam, tingem de encarnado as unhas e as palmas das mãos com o succo de certa planta; e polvilham-se com pós de sandalo, e outros aromas. Os homens tingem de negro as capellas dos olhos, e os dentes; pelo que a boca desta gente parece muito mal aos europeus.

Os birmans não teem grande estatura; são porém robustos e summamente ageis. Representam por muito tempo de moços, porque, em vez de se raparem, arrancam as barbas com umas tenazinhas. Serapintam os braços e coxas com figuras extravagantes, que pensam serem poderosos feitiços contra as armas de seus inimigos. Não admira esta superstição, quando cá pela Europa ha muitos, que ainda poem grande fé em *signos-salomões*, e outros vãos rabiscos.

As raparigas birmans estão desde a infancia acostumadas a revirar por tal fórma os braços para fóra que parece os teem deslocados: quando os estendem não se vê o cotovello, e a parte interior do braço fica voltada para diante, em sentido contrario; por isso, na gravura que acompanha este artigo, os braços pendentes da mulher parecem quebrados, todavia estão representados com muita exacção.

Os birmans só casam os filhos, quando estes chegam á puberdade; e os seus matrimonios são actos puramente civis sem mistura de jurisdicção sacerdotal. Quando um mancebo deseja casar, sua mãe, ou uma parenta mui proxima, o propõe em particular aos paes da donzella, que elle escolheira. Se a proposta é acceita, alguns amigos do moço incumbem-se dos arranjos do dote, que a noiva ha-de receber. No dia das nupcias, o noivo lhe manda tres daquellas peças de panno, que servem de saias, tres faxas ou chales, tres peças de caça, e os brincos, braceletes e outras joias, que os seus bens lhe permitem dar: os paes da noiva preparam o banquete, e lavra-se o contracto matrimonial. Os esposos comem nesse dia á mesa do mesmo prato; permutam entre si certos presentes de chá; e eis-aqui toda a cerimonia do casamento.

Os birmans, até as creanças, fumam excessivamente, sobre tudo quando leem ou escrevem; e o maior signal de civilidade, que se lhes póde manifestar, é tirar da boca um cigarro acceso e offerecer-lh'o: tomam-o, levam-o d'encontro ao rosto, e fumam depois tendo feito cortezia com ambas as mãos. Não julgam cair em impureza tomando parte nas comidas dos europeus, e de boamente com elles se regalam de agua-ardente, ou de chá. Teem poucas preocupações religiosas e nacionaes; e por isso de todos os povos da Índia nenhum ha mais disposto para a civilização europea, cuja primeira vantagem seria abolir o trafico odioso de mulheres que esta gente faz descaradamente.

#### O MARQUEZ DE POMBAL.

(Continuação do N.º 105).

Em consequencia das providencias dadas depois do

terremoto, diz o auctor da *Administração do Marquez de Pombal*, duzentos cadaveres se viram pendurados de forcas á roda de Lisboa: o medo que isto inspirou era, como dissemos, salutar; mas o systema de terror foi mais longe, e degenerou em tyrannia. Promulgou-se brevemente uma lei em que se prohibiam quaesquer discursos contra o governo, e se offerecia uma avultada somma a quem denunciasse os culpados. Louva-se hoje muito a administração do marquez de Pombal; mas perguntaremos nós aos homens deste tempo; quererieis vós um ministro que fizesse taes leis, tendo ao mesmo tempo força para as fazer cumprir?

O estabelecimento da companhia dos vinhos do alto Douro, creada por este mesmo tempo, produziu uma sublevação popular no Porto. O ministro, ou porque julgava esta companhia uma felicidade para o paiz, ou, como outros querem, porque tirava della avultadissimos lucros, mandou occupar a cidade com tropas, e instaurando um processo contra os alevantados, fez enforcar alguns e condemnar outros a galés e a desterro, tirando assim ao povo toda a vontade de fazer novas sublevações.

Se o povo ficou socegado, com aquella quietação que o terror produziu, não succedia o mesmo com os fidalgos, que se julgavam superiores á ousadia do ministro; brevemente porém se desenganaram á propria custa de que, convertido em constituição do estado um despotismo ferreo, todas as condições ficavam por esse facto egualadas: a perseguição contra D. José Galvão de Lacerda, enviado em París, contra D. João de Bragança, irmão do duque de Lafões, e contra varios outros fidalgos de grande respeito, como o marquez de Marialva, provaram sobejamente quão alto e radicado estava o poder de Sebastião José de Carvalho.

Domados o povo e a nobresa, faltava só para que tudo em Portugal calasse diante do omnipotente ministro, o impor silencio áquella parte do clero, que unica ousava contrastar sua auctoridade: era esta parte a companhia denominada de Jesus. Despedidos da cõrte, obteve-se contra elles um breve de réforma: foi-lhes prohibido o commerciar, o que, apesar das suas defesas, parece que elles faziam, e finalmente os inibiram de prégar e confessar, o que foi partir as ultimas armas daquella sociedade, antes disso tão influente e poderosa.

Tinha passado grande parte do anno de 1758, quando succedeu, em 3 de Setembro, o lastimoso caso dos tiros dados em elrei. É vulgarmente sabido que os fidalgos da primeira nobresa foram accusados de perpetradores, ou instigadores de um regicidio, que falhou por milagre, como então se disse: ninguém ignora tambem que uma sentença dada camarariamente, e pouco fundada, os conduziu ao patibulo, onde padeceram supplicios dignos de seculos barbaros. Bem negra nos parece esta pagina da vida do marquez de Pombal: todavia não ousamos, neste lugar, fazer-lhe o que elle fez aos fidalgos — condemna-lo sem innegaveis provas. Um mysterio encobre grande parte das circumstancias de tal acontecimento. É esse um mysterio de iniquidade? — Quem ousará decidi-lo de leve? Muito se tem dicto e escripto a esse respeito: varios documentos importantes, que poderiam lançar grande luz nessa questão, jazem ainda escondidos [ ]. Mas não podemos deixar de fazer uma pergunta, para responder á qual não são precisos documentos: Que vantagem tiravam os

(\*) Um dos papeis mais curiosos que a este respeito temos visto é a resposta do procurador geral da corõa João Pereira Ramos á petição de recurso que se fez á rainha D. Maria I.<sup>a</sup> contra a sentença dos fidalgos: esta resposta, que lemos, escripta pela letra do proprio J. P. Ramos, nos foi benevolamente confiada pelo Ex.<sup>mo</sup> conselheiro Barradas.

fidalgos de correrem os riscos de um regicídio, quando podiam matar, sem grande perigo, o ministro, que os perseguia, e que depois de morto se não podia vingar? — Não faz isto crer, que, disparados os tiros contra a sege de um valido vilissimo, qual parece ter sido Pedro Teixeira, era este quem os fidalgos pertendiam matar, em desaggravo de certa injuria que elle fizera no paço ao orgulhoso duque d' Aveiro? Porque fugiram os assassinos quando o cocheiro lhes gritou, que naquella sege ía elrei? — E como, emfim, poderam elles suspeitar antes daquelle grito, que ía alli D. José, sendo este monarcha tão cauteloso em pôr os meios para que ninguem soubesse das suas viagens nocturnas? Seja o que fôr, uma parte da flôr da nobresa de Portugal padeceu a longa agonia de um supplicio cruel e affrontoso, e sobre a sua memoria pésa um ferrete de ignominia. A historia dirá se é a esses desgraçados ou a outrem que essa ignominia pertence; que não é para este logar a resolução de tal problema.

Na conspiração real, ou imaginaria, contra a vida de elrei appareceram, como era de esperar, implicados os jesuitas: muitos foram presos, e entre estes o padre Malagrida, que d'ahi a tres annos saíu a queimar no auto da fé de 1761 como hereje, devendo ser mettido nas palhas, porque toda a sua heresia se reduzia a estar doudo. E em verdade um dos capitulos menos brilhantes da administração do marquez de Pombal será sempre o auto de fé de um louco, feito á face da Europa na segunda metade do seculo 18.<sup>o</sup>!

Depois destes successos Carvalho recebeu o titulo de conde de Oeiras, onde tinha bens, e em cujo districto ainda hoje o seu nome causa aos povos um horror tradicional, pelos muitos vexames que fez para engrandecer suas propriedades.

Seguro, á custa de tantos aballos, o dominio do ministro, elle se mostrou verdadeiramente grande, exigindo dos inglezes uma satisfação por terem atacado navios francezes nos mares de Portugal; e a orgulhosa Inglaterra deu a satisfação pedida. O nuncio Acciajuoli, ousou faltar á civilidade, não pondo luminarias por occasião do casamento da princesa herdeira da corôa, D. Maria, e o conde de Oeiras o mandou sair immediatamente de Lisboa. Emfim o ministro deu d'ahi a pouco o ultimo golpe nos jesuitas, extinguindo em Portugal aquella sociedade, e mandando lançar nas costas de Italia os membros della, que não quizeram despir a roupeta jesuitica.

Foi então que Carvalho, desassombrado de maiores cuidados, voltou toda a attenção para as reformas administrativas: reformou os estudos; deu providencias relativas ao commercio, e restaurou as artes; mas a guerra de 1762 veio mette-lo brevemente em novas difficuldades.

Esta guerra nasceu do celebre *pacto de familia*. Os reis de França e Hespanha ligados contra a Inglaterra quizeram que Portugal entrasse naquella aliança. Recusou o conde de Oeiras, promettendo conservar-se neutral: a Hespanha nos declarou então guerra, e as tropas daquella monarchia entraram na provincia de Traz-os-montes; mas o gabinete de Madrid, prevendo talvez que o resultado final lhe seria contrario, retirou outra vez o seu exercito do nosso territorio, depois de leves escaramuças, em que os portuguezes, já capitaneados pelo conde de Lippe, levaram a melhoria.

Restabelecida a tranquillidade publica, o conde de Oeiras cuidou seriamente em augmentar e disciplinar o exercito, e em fomentar todos os ramos d'industria e commercio, levando assim o paiz a subido gráu d'esplendor. Os actos mais notaveis do periodo

do seu ministerio, que decorreu desde esta epocha até a final doença d'elrei D. José, e que tanto para o rei, como para o ministro foi em verdade glorioso, são a criação dos estudos civis e militares; muitas leis favoraveis á agricultura; a instituição da Mesa Censoria, e do Collegio dos Nobres; as providencias relativas ás fabricas de lanificios, sedas, loulgas, chapelaria, e outras: as reformas judiarias, a criação do subsidio litterario; a paz com a côrte de Roma, no pontificado de Clemente 14.<sup>o</sup>; a abolição da escravatura; o estabelecimento das pescarias do Algarve; as leis sobre o tabaco, sobre os hospitaes e expostos; a paz com os marroquinos; a reforma do governo da India, e muitos outros melhoramentos coloniaes; e finalmente a erecção da estatua equestre, antes monumento do subido gráu de perfeição a que tinham chegado os nossos artifices, que da grandeza do monarcha a quem foi consagrada.

Neste tempo, porém, ainda Lisboa presenciou alguns actos de crueldade do ministro, e que os seus inimigos attribuiram a vinganças particulares: entre varios outros successos, o terrivel supplicio do italiano João Baptista Pelle, accusado de ter pertendido assassina-lo, encheu todos os animos de horror e compaixão. O desgraçado foi condemnado, depois de horrendos tractos, a ser esquartejado por quatro cavallos; e, cumprida a sentença, o corpo semivivo da victima perdeu os ultimos alentos em uma fogueira: cousa que em verdade parece impossivel acontecesse em tempos tão visinhos a nós.

No anno de 1770 fôra o conde de Oeiras agraciado com o titulo de marquez de Pombal. Desde esta epocha, segundo o proprio testemunho dos seus adversarios, aquelle coração de ferro abrandára notavelmente, e nos ultimos annos do reinado de D. José o jugo de terror a que os portuguezes estavam já affeitos tornou-se menos pesado. Cuidou em abolir as distincções absurdas de christãos velhos, e christãos novos: fez novos regulamentos para favorecer a industria nacional: proveu em que os filhos não casassem sem licença paterna: e tomou muitas outras medidas proveitosas á republica. Todavia é a esta epocha que pertence a condemnação do italiano Pelle, de que atraz fizemos menção.

A cousa, porém, que, neste ultimo periodo, honra mais a memoria do marquez de Pombal, é a reforma por elle feita na Universidade de Coimbra em 1772. Empregou nesta reforma as maiores capacidades portuguezas; chamou professores estrangeiros; e os novos estatutos d'aquella illustre academia são, por ventura, o mais bello monumento que legou á posteridade o reinado de D. José 1.<sup>o</sup>

Desde 1775 começou elrei a sentir-se incommodado por varias enfermidades que successivamente augmentaram até a sua morte succedida a 24 de Fevereiro de 1777. Durante esta epocha tambem foi pouco a pouco descaíndo a preponderancia do marquez, a quem a rainha se mostrava grandemente contraria. Diz-se que elle tinha aconselhado a elrei que abdicasse a corôa em seu neto o principe D. José, em prejuizo da princesa D. Maria, sua immediata successora. Verdadeira ou falsa que seja esta anecdotta, é certo que logo que a rainha, em consequencia do máu estado da saude d'elrei, tomou as redeas do governo, o marquez de Pombal cessou de reinar, sem, contudo, ser despedido do ministerio. A morte d'elrei foi o signal da sua queda.

Assim que D. Maria 1.<sup>a</sup> começou a reinar, todas as vinganças e odios, comprimidos até ahí, accommetteram o marquez. Calumnias e verdades se deram em torrentes para o abaterem, e aos seus amigos e partidarios. — Accusado formalmente, in-

staurou-se um processo contra elle, e foi achado criminoso. A bondade da rainha D. Maria 1.<sup>a</sup> o salvou de um patibulo; mas foi desterrado para Pombal, onde ainda os seus inimigos o perseguiram. Finalmente este homem celebre morreu no seu desterro a 5 de Maio de 1732, com 83 annos d'idade.

Foi Sebastião José de Carvalho, homem bem apesoadado, d'aspecto agradável, e constituição robustissima. Aos seus grandes conhecimentos politicos, ajuntava não vulgar litteratura, e fallava expeditamente diversas linguas da Europa, de modo que, não só por isso, mas tambem pelos seus modos cortezes e affaveis, era summamente agradável aos estrangeiros, e aos homens distinctos por conhecimentos ou ingenho, que elle tractava sempre com distincção, e favorecia extraordinariamente. Como ministro teve grandes dotes, e não menores defeitos. Soube achar as causas da decadencia do reino: não lhe faltou zelo pela prosperidade e gloria nacional, ainda que os seus inimigos lh'o pertenderam negar. Era dotado de animo grande e intrepido, de juizo agudo e vastissima comprehensão; mas accusam-o, segundo nos parece, com razão, de não ter egual prudencia. As notaveis qualidades que recebera da natureza foram desluzidas por dois vicios, que talvez se devam attribuir á educação: era um delles a demasiada cubiga, no qual teve parte a acanhada fortuna da sua mocidade; o outro consistia em serem ás vezes as suas astucias indignas de um homem grande. A vaidade, de que o encheu o alto poderio a que se viu elevado, fez com que muitas vezes fosse enganado por vis adulares, e que pertendesse ingerir-se em todos os negocios, uns que não entendia, outros que

devia deixar a cargo d'empregados subalternos, inutilizando assim frequentes vezes o talento que tinha para simplificar a administração. Esta mesma vaidade fazia com que ás vezes insistisse na conservação de medidas que a experiencia mostrava pouco proveitosas. Procurou no principio do seu governo inspirar sentimentos patrioticos a seus naturaes, ferindo com muitas de suas idéas as preoccupações dos grandes: daqui lhe veio a má vontade destes, da qual elle se vingou cruamente. A lucta com os Jesuitas deve causar espanto, se nos lembrarmos de quão grande era a influencia desta sociedade, e de que elle não só a destruiu em Portugal, mas foi o principal movedor da sua ruina em toda a Europa, embora para tão grande triumpho empregasse corrupções, calumnias, e muitos meios illicitos. A centralisação da gerencia da fazenda publica com a criação do Erario foi talvez uma das melhores medidas do seu ministerio, apesar d'uma organização imperfeita, e de ficarem subsistindo muitos abusos. O seu systema de companhias commerciaes foi naquella epocha, em que os principios das sciencias economicas começaram a assentar-se, mui reprovado por alguns escriptores estrangeiros, mas duvidámos muito que elles estivessem habilitados para avaliarem essas instituições em relação ao estado politico de Portugal. Emfim é innegavel que o marquez de Pombal foi um dos homens mais extraordinarios que tem produzido a nossa patria; mas que nenhum homem virtuoso quizera alcançar o renome que elle ganhou, com a condição de acceitar as maldições e mysteriosas sombras que pêsam sobre varios actos da sua vida, e por consequencia sobre a sua memoria.



## PANONIAS.

### II

A existencia das fragas de que fizemos menção no artigo antecedente torna necessario que demos aqui uma breve noticia das divindades e templos dos romanos, visto que estas fragas são effectivamente monumentos religiosos que entre nós deixou aquelle povo conquistador.

Tinham os romanos entendido que havia diversas divindades: umas habitavam no ceu, outras na terra, outras, finalmente, no inferno. Os templos e altares dedicados a estes ultimos eram em logares profundos e subterraneos. Deve-se, porém, advertir que havia muitas castas de templos, e que estes se compunham de diversas partes: o *templum* templo, ou egreja: o *fanum* era um logar sagrado sem edificio: o *sacel-*

*lum* correspondia ás nossas capellas, posto que ás vezes sem tecto: *tesca* chamavam aos logares consagrados a alguma divindade, e situados nos desertos, e sitios agrestes e asperos. Á parte do templo, em que a estatua do deus estava collocada, davam o nome de *cella*, e ás vezes no mesmo templo havia muitas destas cellas.

Das inscrições do monumento, representado no artigo antecedente, e do que vae juncto a este artigo se conhece claramente que estas fragas eram templos, e de serem abertos e entalhados na encosta de um monte, bem como da denominação de *severos*, que se dá aos deuses, se colhe que eram dedicados aos deuses infernaes. Parece que ahi havia algumas estatuas cujos vestigios se encontram em uma das fragas cuja vista omittimos, por não multiplicar estampas inteiramente semelhantes.

Mas eram estas fragas muitos templos ou somente um? Algumas, pelo menos constituíam um unico templo, e talvez todas ellas não formavam mais do que um ou dois. Este ou estes eram daquelles a que chamavam *fana*, por serem apenas entalhados na pedra, sem edificio algum ahí alevantado.

Havia nos templos aras, que era onde se faziam os sacrificios. As aras dos templos consagrados aos deuses superiores, eram altas, e chamavam-lhes altares. Em cada templo havia muitas aras; se o templo era dos deuses celestiaes sempre era impar o seu numero; isto é de tres, cinco, sete, ou nove: se era dedicado aos deuses terrestres ou infernaes, devia ser o numero par. D'aquí se vê a razão porque nestas fragas não ha altares erguidos, antes pelo contrario parece que os concavos abertos na rocha serviam d'aras, lançando-se nelles o vinho e o leite, que se offereciam aos deuses, e servindo tambem para ahí se consumirem os corpos das victimas. Os orificios que se acham nas fragas, parece que serviam para se encaixar alguma cousa conducente ao sacrificio, ou relativa ás victimas e rezes, ou aos vasos e instrumentos de que em taes sacrificios usavam.

A inscripção que se lê na parte direita da pedra representada no principio deste artigo, significa: *Gneo Caio Calpurnio Rufino, varão consular dedicou este lago eterno, com este templo, em que se queimam as victimas, aos deuses e deusas, e a todas as divindades e aos dos lapitas (?)*—A inscripção da esquerda da fraga diz: *G. C. C. Rufino, V. C. dedicou esta obra com este templo aos deuses, e este é o lago, onde por voto se mistura (?)*—O letreiro do meio é em caracteres desconhecidos, provavelmente os de que usavam os hespanhoes, sobre o que se póde ver a dissertação do P.<sup>o</sup> Argote, de quem tambem são as interpretações que acima ficam transcriptas.

#### OS GUAICURÚS.

A seguinte noticia sobre estes povos notaveis do Brasil é extraída da obra alemã do Sr. barão d'Eschwege intitulada *Journal von Brasilien*, e foi tirada por elle de uma memoria de F. A. do Prado publicada em um periodico brasileiro de 1814.

Os guaicurús são um povo errante, que estancaia pelas margens orientaes do Paraguay n'uma extensão de territorio de setenta a oitenta leguas. Ha neste paiz um districto a que chamam Fecho dos Morros, porque ha ahí passos difficultosos de montanhas, que dão aos guaicurús, povo mui guerreiro, grande facilidade para accommetter, ou uma tribu, chamada por elles cayavedá, e pelos brasileiros *coroados*, a qual estancaia juncto ás fontes do rio Mambayá, um dos afluentes do Parana, ou os caupezes, que vivem em choças subterraneas. Dizem que estes coroados teem o costume de puxar pouco a pouco a pelle do ventre das creanças, até que tenha bastante comprimento para lhes cair sobre as côxas e servir-lhes de avental. Os guaicurús guerreiam tambem os pacalequés, ou cambeias, como lhes chamam os habitantes dos sertões.

As partes fertes daquelles territorios por onde estes selvagens vivem, abundam em veação, que lhes serve d'alimento, e tambem em lobos, onças, e outros animaes mais pequenos, de cujas pelles fazem o vestuario, cama, e diversos outros trastes necessarios. As montanhas que ahí ha são calcareas, e pouco selvosas.

Os guaicurús são designados por varios nomes. Os hespanhoes chamam a parte delles cambés. Aos que andam defronte de Villa-real, e da Assumpção, cha-

mam-lhes linguas, e guiquiranos, quando fazem correrias contra a povoação de St.<sup>a</sup> Cruz de la Sierra.

Este povo occupava antigamente muito maior extensão de territorio; mas as colonias hespanholas e portuguezas o foram, pouco a pouco, affugentando. Quem primeiro deu noticia delle foram os habitantes de S. Paulo. Acharam-o possuindo numerosas manadas de bois e de cavallos, e grandes rebanhos de ovelhas. Não se sabe em que epocha semelhantes animaes se derramaram pelo territorio destes selvagens, que, para os designarem usam dos nomes hespanhoes e portuguezes; nem outros para isso teem.

Os cavallos habilitavam os guaicurús para se fazerem arrecear dos outros selvagens. O modo porque accommetiam até fazia com que os temessem os paulistas, que, por isso, só em ranchos se entranhavam pelos sertões que jaziam para aquelle lado do Paraguay. Tanto que os guaicurús davam fé dos paulistas, ajunctavam as suas manadas de cavallos e bois; depois separavam-se; e com tal rapidez perseguiram os inimigos que os alcançavam, e derrubavam ás lançadas todos os que colhiam ás mãos. Nesta extremidade o remedio unico dos paulistas era embrenharem-se nos mattos, onde, encubertos com as arvores podiam sem perigo atirar aos selvagens.

Dividem-se os guaicurús em tres castas: 1.<sup>a</sup> nobres, a que chamam capitães, e suas mulheres se intitulam *donas*: 2.<sup>a</sup> soldados; 3.<sup>a</sup> escravos, que são os mais numerosos. Designam com este nome todos os individuos que descendem dos prisioneiros de guerra. São tractados com muita brandura; nem os obrigam a trabalhar; mas é vergonha para a gente das outras castas o casar com a desta. Vae tão longe esta preocupação que se uma viuva casa com um escravo, os filhos que tinha a despresam.

Os guaicurús são de cor de cobre escura, e mui altos: alguns teem seis pés e meio. São bem feitos, nervosos e robustissimos: soffrem bem a fome, a sede, e os mais asperos trabalhos. Costumam arrancar as sobrancelhas e as pestanas. Geralmente vivem largos annos: o habito que teem de mastigar muito a comida contribue para a boa digestão, e lhes mantem a saude. Alguns teem o cabello encarapinhado, outros corredio; os dentes são feios; mas caem-lhes tarde. Quando não estão entretidos, teem aquelle aspecto tristonho que é trivial na maior parte das tribus americanas.

As mulheres fazem-se velhas muito cedo. A ambos os sexos se enruga extraordinariamente a pelle na velhice. Os homens andam nús. O seu enfeite consiste em pennas, que poem na cabeça, nos pulsos, e nas pernas. Trazem á roda da cintura uma faixa de panno de algodão de cor: e desde que teem tracto com os hespanhoes ornam estes cinctos com contas e vidrilhos de diversas cores. Rasgam o beigo inferior, e nelle introduzem um pedaço de páu do comprimento de tres pollegadas, e da grossura d'uma penna de corvo. Possuem prata, haverá duzentos annos, desde que mataram uns poucos portuguezes, que vinham do Potosi, carregados della. A prata que se achou nas cargas, tendo-se espalhado entre os indios do Paraguay inferior, fez com que os hespanhoes se persuadissem de que naquelle rio apparecia semelhante metal, e d'ahi veio o poremlhe o nome de Rio-de-la-Plata.

Pintam os guaicurús o corpo com o sumo do urucú e do genipapo; e os seus desenhos teem certa regularidade. A gente moça traz o cabello como lhe apraz; mas os homens feitos rapam-o, deixando só um cercilho como o dos franciscanos.

As mulheres não são bonitas: teem a cara larga, e affeiam-a ainda mais com as camadas de tincta de

que a cobrem. Serapintam-se também: enchem a testa de fieiras de pontos negros; e formam triângulos do mesmo modo nas faces e barba. Picam a pelle com uma espinha, e immediatamente a esfregam com sumo de genipapo: então as figuras assim desenhadas ficam de uma cor parda acinzentada, e nunca mais se tiram. As *donas* ornã os braços com estas figuras, á custa de muitas dores. Todas as mulheres andam embrulhadas dos pés até o pescoço em uma especie de manta, ou vermelha, ou rajada de preto, vermelho e branco. As mais tafues se adornam com enfiadas de conchinhas. Desde a mais tenra mocidade trazem um cincto sobre a manta, o qual nunca mais deixam. Trazem o cabello rapado, salvo no alto da cabeça, onde deixam uma trança da grossura de tres dedos. Como andam sempre a cavallo, ou mettidas na agua, teem bonitos pés. As suas joias são collares de canudinhos de prata, ou de vidrilhos e coraes, e as mais pobres de madeira. Criam com grande desvello os animaes caseiros, fabricam tecidos, e, contra o costume das outras selvagens, são curiosas, e compadecidas.

Quando um homem quer casar-se, pede a rapariga, que escolheu, ao pae. Concede-lha este, e ella passa com o marido a primeira noite do noivado sem que o mancebo lhe toque. No dia seguinte o pae cede a filha. Não traz a noiva senão os seus enfeites; porque por morte do pae herda como os mais irmãos.

É costume ir morar o noivo para casa da mulher com quem se ajuncta: desde então nem o sogro, nem a sogra lhe tornam a fallar. Cada homem casa com uma unica mulher: podem separar-se, e fazer novo casamento; mas estes divorcios são raros.

O homem ama ternamente sua mulher, e ella paga bem esse amor, e a nada se poupa para lhe agradar: esta complacencia chega a tal ponto que, se conhece que está pejada, toma remedios para abortar, com o fim de não ser pesada ao marido durante a prenhez e a criação do filho. Este costume teem as mulheres até os trinta annos. Se depois desta epocha concebem e teem feliz parto, criam seu filho. Pode-se com razão suppor que tal costume produzirá gradualmente a destruição deste povo.

Ha entre os guaicurús homens que querem imitar as mulheres em tudo: vestem-se como ellas, occupam-se em fiar, e fabricar louça. Chamam a esta gente *cutinos*, nome com que designam os animaes castrados.

Cada familia mora em uma barraca levadiça, cuberta d'esteiras feitas d'uma especie de caniço, e aberta pelos lados. Quando chove, a agua traspassa as esteiras, obrigando-os a estarem sempre varrendo a cabana para não serem muito incommodados. Dormem sobre pelles d'animaes; e fazem travesseiro de dois feixinhos de palha, que servem de sella ás mulheres. Cobrem-se com mantas, ou pelles de veado, e esteiras de casca d'arvores. Comem toda a casta de animal bravio, sem exceptuar jacarés e surucús [gibóias]; e também peixes, fructas, olhos de palmeira, ou palmitos, e varias raizes. A comida é cozida, ou assada pouco aceadamente, sem tempero de sal ou de gordura. As raparigas donzellas não podem comer carne de certos animaes bravos, de que se alimentam os homens, os rapazes, e as mulheres casadas.

Os homens vão á guerra, á caça, e á pesca, colhem a medulla do carandá, e os palmitos, e tratam dos cavallos. As mulheres fiam algodão, e fabricam pannos, cinctos, cordões, esteiras, e louça. Ambos os sexos se empregam igualmente na cozinha; e comem cinco ou seis vezes ao dia. Nos intervallos, quando os homens não saem, pousam a cabeça sobre os joelhos das mulheres, que lhes arrancam os cabel-

los da barba, dos sobrolhos, das pestanas, e pintam-lhes a cara e o corpo. Depois os homens fazem os mesmos bons officios ás mulheres.

Nas noites claras e serenas, a mocidade de ambos os sexos se ajunctam diante das cabanas para se divertirem. Ha nos seus jogos viva e ruidosa alegria, que tem seus visos de grande rudesa. Por exemplo: seis homens vigorosos pegam em uma manta, estendem-a, poem-lhe em cima uma creança, e divertem-se em atira-la ao ar. As mulheres entretem-se d'outro modo: formam uma roda de mãos dadas, e uma corre ao redor pela parte de fóra, fazendo tropeçar, e ás vezes, cair a que corre: então esta vem tomar o lugar da que lhe fez dar a queda. Também usam estes selvagens dividir-se em bandos que mutuamente se injuriam: os que dizem injurias mais pesadas, são os que ganham, e todos os applaudem. A's vezes exercitam-se em luctar. Nas suas brigas domesticas nunca se servem d'armas.

Não cantam; mas gostam muito de ouvir cantar os brancos, e quando a cantiga é melodiosa chegam a derramar lagrimas. Nas suas grandes festividades fazem uma especie de torneios. As mulheres nobres costumam pôr pannos de cinco palmos em quadro sobre os feixes de palha que lhes servem de sella, quando montam a cavallo, e enfeitam muito os cavallos. Não usa esta gente d'estribos: as mulheres quando querem montar a cavallo agarram-se ás crinas, e os homens as ajudam a subir.

Estes não se servem de sellas. Os dois sexos apostam á corrida, ou perseguem-se figurando combates. Acabam estes jogos, fazendo uma especie de acompanhamento ao que faz o papel de truão ou gracioso.

Os paes mostram grande ternura aos filhos, e não ha para elles maior gosto que ve-los pular á roda de si. As creanças, pelo contrario, teem pouco respeito aos paes, e muitas vezes lhes dão provas de desamor.

Quando os guaicurús, estando junctos, querem separar-se, o de mais respeito ergue-se, e diz a cada um dos outros: "Vamo-nos."—Todos respondem affirmativamente, e cada qual vae para onde lhe parece.

Fazem um gasto extraordinario de tabaco. Os homens fumam-o; as mulhes mascam-o, tendo sempre um bocado d'elle na boca, entre o beijo inferior, e a gengiva. (Concluir-se-ha).

#### VIAGEM AERONAUTICA DE IRLANDA A INGLATERRA.

A ARTE de viajar pelos ares em balões apesar de ter já meio seculo, ainda se póde dizer que está na infancia. Em quanto os progressos que em outras cousas teem feito os homens são rapidissimos, os aeronauticos pouco mais adiantaram as suas navegações nestes ultimos tempos. Todavia a utilidade das viagens aereas para as sciencias póde ser mui grande, principalmente para a meteorologia, e esta razão fará com que mais tarde ou mais cedo os aerostatos cheguem ao gráu de perfeição de que são capazes. A tentativa que vamos relatar, provou, pelo seu bom resultado, que é possivel dirigir os balões, ao menos até certo ponto, para este ou aquelle sitio determinado. O caso está em achar, tanto no subir, como no descer, a corrente de ar favoravel. É também evidente, que se se podesse dar á machina um movimento lateral, haveria mais uma probabilidade de bom successo, e até se alcançaria, aproveitando as correntes d'ar encontradas, fazer caminho, bordejando como os navios no mar.

No dia 22 de Julho de 1817, á uma hora e vinte minutos da tarde, Mr. Sadler se metteu em uma barquinha, suspensa em um balão, cujo tamanho não era grande. O desenho do aeronauta era atravessar o canal de S. Jorge na linha mais recta, e no menor espaço de tempo que fosse possível; por isso, trabalhou por conservar-se o mais perto que pôde da terra, para não perder tempo em subir e descer, e não gastar senão a necessaria porção de gaz. A ascensão foi bellissima: o vento soprava brandamente de oes-sueste. Mr. Sadler se elevou dentro de poucos minutos a uma altura d'onde podia divisar distinctamente grande extensão de terreno até além das montanhas de Wicklow, ao sul de Dublin; mas brevemente esta scena lhe desapareceu: as nuvens involveram o viajante, roubando-o ás vistas de todos, e escondendo junctamente aos olhos d'elle tudo o que estava na superficie da terra.

O frio, que sentia, singrando por entre as nuvens, o obrigou a cubrir-se com mais roupa do que a que levava vestida. Dando-lhe a dilatação do balão rebate de que já já mais alto do que intentava, deixou fugir algum gaz, e espalhou no ar alguns pedacinhos de papel, que, affastando-se, pareceram indicar que a machina continuava a subir. Dentro de pouco se achou acima das nuvens em uma atmosphera clara. Pareceu-lhe, durante alguns minutos, que o balão estava parado. De pedaço a pedaço Mr. Sadler divisava a terra, atravez das ondas de vapor que se revolviam aos seus pés. Ouviu tiros d'artilharia, e descendo o balão tão rapidamente como subira, achou-se por cima da collina de Howth ás duas horas e alguns minutos: em 45 minutos que estivera no ar pouquissimo tinha andado; porque Howth dista apenas dez milhas de Dublin.

Não desanimou o aeronauta com isto: deitou fóra obra de 40 libras de lastro, e elevou-se novamente dirigindo-se para a banda de leste. Ás 2 horas e 25 minutos encontrou outra corrente d'ar, que vinha de nor-norueste, e que o levou para a banda do mar. Estava então em altura de duas milhas e meia, e o thermometro em 38 gráus. Subitamente uma nuvem de flocos de neve o rodeou: os raios do sol, batendo nas particulas nevadas, produziam singular effeito. Não tardou, porém, a limpar o tempo; e Mr. Sadler viu as costas de Irlanda, com todas as suas angras e esteiros desde Drogheda e Newry ao norte de Dublin, até Bray-Head do lado de Wexford.

Emfim, pela volta das 3 horas e 5 minutos, o aeronauta enxergou as montanhas do paiz de Galles. Posto que não estivesse muito remontado, observou um phenomeno, que ainda não tinha sentido, e que o fez padecer muito. As partes do corpo, em que lhe dava o sol, que batia de chapa na barquinha, levava-as quentes, em quanto nas que íam á sombra, como os pés, padecia rigoroso frio: o thermometro á sombra marcava trinta e sete gráus, e ao sol setenta e cinco.

O principal cuidado de Mr. Sadler foi o conservar o balão na corrente d'ar, que o empurrava rapidamente para as costas do paiz de Galles ao sul de Holyhead. Vendo que se sustinha sempre na mesma altura, e que proseguia em linha recta para o ponto em que puzera a mira, pôde gosar d'espago do maravilhoso espectáculo que por baixo de si descortinava. O mar, brandamente agitado, era cortado neste momento por obra de 20 navios que levavam a proa para o norte: a ilha de Man, em toda a extensão della, d'um lado as costas d'Irlanda, e do outro as do paiz de Galles formavam um quadro, cuja grandesa e formosura não será facil conceber.

Ás 4 horas e 10 minutos Mr. Sadler pôde perce-

ber claramente a sombra do balão, que se prolongava e movia pela superficie do mar.

Ás 4 horas e meia entreviu a lua, pelo mesmo modo que se vê da terra em um dia sereno. Dez minutos depois, distinguia ainda o pharol colocado no cabeço de Howth. Passada uma hora viu distinctamente os tapumes que dividem os terrenos na ilha de Holyhead, e pouco depois o desembarcadouro da villa.

Achando-se mui perto da terra, fez todas as disposições necessarias para descer. Para saber em que altura estava, deitou da barquinha abaixo dois ovos: um fez-se em mil pedaços antes de chegar ao mar, outro gastou na descida vinte e nove minutos. Deste intervallo de tempo concluiu Mr. Sadler que não estava mui remontado, e que tinha vencido a difficuldade de se conservar sempre na mesma altura, bem como de ir em linha recta.

Ás 7 e um quarto esteve um pouco ao sul do pharol de Holyhead: vendo sitio accomodado para abí descer, abriu o resfolgador, o balão baixou, e o aeronauta o segurou com um arpéu a dôze pés acima do chão. A tarde estava mui socegada: correram alli varias pessoas, e ajudaram Mr. Sadler, a saltar da barquinha para o chão. Eram sete horas e cinco minutos: o viajante tinha gastado cinco horas e quarenta e cinco minutos em atravessar 72 milhas de caminho, passando o canal que divide a Graã-Bretanha da Irlanda.

#### CARTAS EM PARÍS E EM LONDRES.

SEGUNDO um calculo authentico o numero de cartas distribuidas pelo correio de Paris orça por 32:000 uns dias por outros: o correio de Londres distribue 133:000. Suppondo que Londres tenha 1:150:000 habitantes, e Paris só 700:000, nem por isso é menos notavel a desproporção entre a frequencia das correspondencias epistolares para as duas capitales. Em Paris é uma carta por cada 22 pessoas, e em Londres uma por cada 9. Um inglez que refere este facto, conclue d'ahi que os parisienses teem menos actividade commercial, menos interesse pelos negocios publicos, e até menos affeição aos seus amigos e conhecidos. Esta conclusão é, de algum modo, mui severa. Basta convir que os parisienses são mais descuidados, mais ociosos, e teem menos escrupulo em observar os deveres sociaes de pouca monta, que os inglezes. — *N. Ann. des Voyages* [1820].

#### ACCRESCIMTO DA POPULAÇÃO PELA VACCINA.

UM calculo feito pelas listas annuaes dos obitos faz subir o numero das pessoas mortas de bexigas, em Copenhagen, desde 1749 até 1798, e por consequencia n'um intervallo de 50 annos, a 12:231. Ora, sendo a população daquella capital a decima-oitava parte da de toda a Dinamarca, este reino perdeu, approximadamente, 2:101:153 habitantes, durante aquelle periodo, só com as bexigas. Mas desde a introdução da vaccina na Dinamarca, em 1802, tudo mudou a este respeito, como aconteceu nos mais paizes, onde se introduziu a vaccina. Desde 1802 até 1819, 73:000 individuos foram salvos em Copenhagen, fazendo o calculo em relação dos obitos que houve de 1749 até 1798, e vindo assim a vaccina a salvar, naquella paiz, em 17 annos, 1:318:000 individuos.

ASSIM como a verdade e virtude por si se defende,

assim a malicia de nenhuma cousa mais se teme que de si mesma: principalmente quando se quer revestir de sanctidade, para encubrir sua peçonha, para que mais damne, e justificar-se para não ser conhecida. Mas são a maldade e a virtude dois tão contrarios extremos, que por mais que a malicia se metta debaixo da capa da sanctidade, nunca fia de que fique com ella bem encuberta. — *Fr. Thomé de Jesus.*

*Proveito da leitura da Biblia.* — Um viajante que andou por Escocia com o intento de examinar o estado das prisões daquelle paiz, ficou espantado do diminuto numero de criminosos que achou nos condados, ou districtos que correu. “Vi, diz elle, que a causa disto era a educação religiosa das classes inferiores, e o habito que teem de ler a escriptura sagrada. Quanto não deve este exemplo animar os trabalhos das sociedades christãs que, na Graã-Bretanha e em outros paizes, promovem por todos os modos o derramamento da Biblia, cujos beneficios são incalculaveis!”

#### FIGURA DE CAVALLO GIGANTE.

UMA das antiguidades d’Inglaterra mais curiosas é, sem duvida, o cavallo branco que se vê em um outeiro ao pé da estrada de Bath. Esta figura está esculpida no pendor de um cabeço de pedra calcarea, chamada a collina do dragão (*dragon’s hill*). É muito bem feita, e tamanha, que occupa um espaço de 160 varas quadradas: vê-se claramente a dez milhas de distancia: os contornos deste vulto enorme são mui correctos; e na execução se observaram com admiravel habilidade as regras da perspectiva. Figura o cavallo ir ao galope; e quando os raios do sol batem nelle de chapa, a alvura da pedra quasi que cega. As cavidades, abertas para fazer sobresair as partes da esculptura precisam de ser limpas, de tempos a tempos, da pedra calcarea cinzenta que rola da lomba do outeiro. Esta limpeza, fazem-a os camponeses dos arredores em uma festa rustica, chamada a festa da granja do cavallo branco, a qual ainda actualmente se celebra todos os annos. — *N. Ann. des Voyages.*

#### LAGOS PETRIFICANTES.

ENTRE os lagos cujas aguas teem a virtude de converter em pedra, pouco a pouco, as substancias que nellas estão misturadas, os mais notaveis são os de Khyramim na Persia. Parece que a pedra se fórma ahi como o gèlo nas aguas dos paizes frios. Dão-lhe o nome de marmore de Iaurizi, e serve para pedras sepulchraes, e para varios outros ornatos. Esta pedra ajuncta á sua diafaneidade cristalina a vantagem de se pulir muito bem. Nas aguas em que ella se cria, nenhuma planta se dá, salvo alguma junça.

#### AUTOMATOS CURIOSOS.

NO PRINCIPIO deste seculo appareceram em Londres dois automatõs singularissimos que faziam embasbascar John Bull [João Touro, denominação trivial do povo inglez], e até punham espanto aos mais habilitados machinistas. Um desses automatõs era uma aranha preta de tamanho regular; o outro um cysne de grandesa natural. A primeira corria por cima de qualquer mesa, para uma e outra parte, movia as pernas quando a agarravam, apertava as gar-

ras; emfim, fazia todos os movimentos que faz uma aranha verdadeira. Cento e quinze rodas, muitas das quaes só com o microscopio se podiam vêr, compunham o interior deste automato. O cysne nadava em um tanque rodeado de peixes dourados, estendia as azas, catava as brilhantes pennas, e depois disto tudo apanhava um dos peixes e engulia-o. Todos estes movimentos imitavam perfeitamente a natureza.

#### USANÇAS POPULARES PORTUGUEZAS.

É NOS enterros, que nas aldeas tambem se notam practicas não menos ridiculas, que supersticiosas: em algumas a offerta para o parochio é conduzida por um homem, diante do mesmo enterro, embrulhado em um capote, e chapéu desabado, levando uma canna levantada, e nesta espetada uma laranja, em que vae enterrada a offerta em dinheiro. Em outras é a offerta conduzida por uma mulher, que tenha a circumstancia de se chamar Maria, e ser *errada*, isto é, ter tido filhos, que não sejam de matrimonio. Em outras, a offerta, que se compõe de pão, vinho, e um cordeiro vivo, de tal fórma se arruma em uma canastra, que se observe a etiqueta de se poderem vêr as pernas amarradas do cordeiro, dispondo-se para isso a toalha, que cobre a mesma canastra. *Conselheiro J. P. Ribeiro. Reflexões Historicas [1835].*

*O que pôde a superstição.* — Em Ischerah, aldêa distante algumas milhas de Calcuttá, foi ha poucos annos enterrada viva uma mulher ao pé de seu defuncto marido. Metteram-na em pé n’uma cova ao lado do cadáver: o filho mais velho desta mulher, o qual teria de idade dezenove annos; deitava a terra aos punhados dentro da cova, e a calcava aos pés. Quando a terra chegou á altura da cabeça da desgraçada victima, a multidão de fanaticos, que contemplavam, com toda a tranquillidade d’animo, este desnatural e horrivel espectaculo, começou a soltar gritos desentoados de alegria e applauso; e o sacrificio foi consumado.

#### NOVA ESPECIE DE GALAGALA PARA RESGUARDAR O FERRO DA FERRUGEM.

TOMEM-SE oito partes de pó de tijollo, passado pela peneira, e duas partes de lithargyrio [sezes de ouro]; misture-se e moa-se na pedra de moer tintas com oleo de linhaça, de modo que fique uma tintas grossa: desfaça-se depois este polme em essencia de terebenthina, e dê-se por cima do ferro, tendo-o limpado primeiro muito bem. Esta galagala ou emboço, segundo muitas experiencias, é convenientissima: varios objectos expostos, durante dois annos, ao ar do mar, sendo ás vezes molhados com agua salgada, nenhuma alteração soffreram.

A DISPOSIÇÃO para crer no maravilhoso procede de duas causas; d’um sentimento religioso muito desenvolvido, ou da falta d’equilibrio entre a imaginação e a razão. Os phantasmas só nas trévas apparecem; um paiz ignorante é sempre miraculoso. — *Lamartine.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.